



CRITICAL REVIEW

**Christine M. Tardy, *Teaching Second Language Academic Writing*.
Cambridge: Cambridge University Press, 2025. Pp. 84. ISBN 978-1-
009-63833-3.**

Helena Rebelo

Universidade da Madeira, Portugal
CLLC da Universidade de Aveiro, Portugal
<http://orcid.org/0000-0002-8345-9436>

As 84 páginas do livro *Teaching Second Language Academic Writing* de Christine M. Tardy da Universidade do Arizona (Estados Unidos da América), publicado pela Cambridge University Press, em 2025, proporcionam uma leitura agradável, pela linguagem clara e precisa, acessível a qualquer leitor interessado no assunto do ensino da escrita académica numa L2, segunda língua ou língua não materna, estrangeira, de acolhimento, entre outras designações. Esta publicação aborda o caso do inglês, mas aplicar-se-á a qualquer outra língua. Sendo a autora docente e especialista na área, o livro, pelo seu teor académico, destina-se, em particular, como o título o evidencia, a professores.

O livro digital organiza-se, sequencialmente, em seis breves capítulos, sem quebra de página, constituídos por uma dezena de páginas cada um. O índice indica unicamente os títulos dos capítulos, não dando conta dos subtítulos. Provavelmente, o pretendido é concentrar a atenção sobre os pontos essenciais, já que os subpontos constituem as suas ramificações. Assim, a distribuição é a seguinte: 1. *Introduction* (pp. 1-3), 2. *Contexts of Teaching L2AW* (pp. 3-14), 3. *Important Concepts for Teaching L2 Academic Writing* (pp. 15-30), 4. *Approaches In Teaching L2 Academic Writing* (pp. 30-41), 5. *Teaching Practices in L2AW* (pp. 41-57), 6. *Future Directions of Academic Writing* (pp. 57-61), terminando pela bibliografia referida (*References* — pp. 62-76). A bibliografia ocupa um número considerável de páginas, como se de um capítulo se tratasse, porque perfaz 14. Comporta um conjunto de referências diversas, centradas na temática em estudo, contabilizando-se títulos dos últimos anos. É uma bibliografia anglo-saxónica, evidenciando que a língua escolhida pela autora é a inglesa. Aliás, com uma breve pesquisa sobre a sua biografia, torna-se claro que é sobre este idioma que pesquisa. Há trabalhos de autoria própria ou conjunta, o que revela uma investigação

* **CONTACT** Helena Rebelo Email: mhrebelo@staff.uma.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

consistente sobre o assunto. As páginas de referências bibliográficas vão encontrando eco ao longo do texto, em que o ano da publicação surge a azul e permite, “com um click”, reenviar para a referência completa, no fim do livro. Ocorre, assim, a possibilidade de, ao ler o texto, ter, pela menção do ano, imediatamente acesso à referência integral. Além dos anos das referências a azul, também os títulos e subtítulos do trabalho figuram no texto com essa cor, reenviando para remissões automáticas dos capítulos. Esta estratégia chama a atenção de quem lê para a escrita, lembrando a aplicação do azul à Internet.

No plano estrutural, no próprio texto, sobressaem destaques em caixas para “Reflexão”. Normalmente, vêm em final de capítulo, mas igualmente após algum subponto mais alongado. Essas caixas apresentam-se também destacadas a azul na impressão. Surgem, aí, perguntas para pensar. A autora leva o professor a parar para questionar o seu procedimento a nível do ensino que realiza, da sua prática pedagógica, da didáctica da língua segunda. Elabora questões precisas ou mais gerais, considerando um destinatário diversificado. Por exemplo, na p. 20, a reflexão parece ser para quem escreve, incluindo estudantes, enquanto, na p. 61, é para os professores. O azul da reflexão presente nestas caixas marca momentos de pausa-síntese na leitura.

A cor azul interior contrapõe com o vermelho da capa, em que uma escadaria eleva, ascende degrau a degrau, pelo corrimão. Faz pensar na aprendizagem progressiva, que requer o tema abordado. Ninguém aprende de um dia para o outro a escrever e muito menos numa língua segunda, como o inglês. A capa poderá não ter sido uma escolha da autora. Porém, foi bem concebida e representa, simbolicamente, o ensino e a aprendizagem da escrita numa segunda língua como é o inglês a nível internacional, no mundo hodierno.

Para se compreender bem o assunto, a propósito, traz-se, aqui, uma entrevista de Catarina Maldonado Vasconcelos a Abdulrazak Gurnah, Prémio Nobel da Literatura de 2021, com o título “Não há argumento moral para a extrema-direita” (in *Expresso*, “Primeiro Caderno”, “Ideias”, de 21-11-2025, p. 11), que escreve em inglês, embora esta não seja a sua primeira língua. Às perguntas jornalísticas “A escolha da língua em que escreve suscita lhe um conflito interno? Navega entre mundos linguísticos? Vê o inglês como casa literária ou como legado imperial?”, Abdulrazak Gurnah responde, e transcrevem-se *ipsis verbis* as palavras do escritor traduzidas para português:

Sinto-me muito à vontade a escrever em inglês, sim. Claro que é um legado colonial. Os britânicos colonizaram-nos, e depois aprendi inglês, não direta ou imediatamente. Mas realmente descobri que me sentia confortável com esta língua, a escrever nesta língua. Por isso, se tivesse sido uma língua diferente a colonizar-me, poderia ter descoberto que não conseguia escrever. Há um elemento de sorte, até certo ponto, na língua em que um escritor escreve. Não é simples. Nem todas as pessoas que falam fluentemente português, o que até adoram literatura e falam português podem

tornar-se escritores em português. O mesmo se aplica a mim: falo suaíli fluentemente e adoro literatura, mas isso não significa que consiga escrever em suaíli. Porque a relação que um escritor tem com a língua em que escreve é complexa, mas intuitiva; é uma questão de como se sente nessa língua e da forma como se pode surpreender com certas formulações que se encontra.

O testemunho na primeira pessoa do Premiado com o Nobel da Literatura em 2021 é relevante para a proposta de “L2AW” exposta por Christine M. Tardy, embora seja escrita académica. Reporta-se ao inglês num contexto multilíngue. Neste, quem escreve/ aprende a escrita académica usa uma língua que adquiriu depois de outra, tornando-se escritor em L2. A escrita académica não é um assunto evidente de ensinar. No campo universitário, para a língua materna, contam-se, por exemplo, unidades curriculares (UC) como Técnicas de Expressão do Português ou Oficina de Texto. Para qualquer L2, este tópico pode integrar UC de Português Língua não Materna. O certo é que a questão fulcral para quem ensina uma L2, num nível mais avançado, como o universitário, tem de desenvolver reflexão em torno do melhor método para ensinar a escrever textos académicos: “recensões”, “resumos”, “artigos”, “comunicações”, “dissertações”, “relatórios de estágio”, “teses”, etc. Quem tem prática alargada deste ensino também se dedica a pensar num nível acima, ensinando (dando dicas ou propostas de exercícios) a ensinar a escrever. É a questão central deste livro.

As palavras-chave “L2 writing, multilingual writing, academic writing, writing instruction, language teaching” evidenciam que o livro está focado num ponto de vista didático, ou seja, ensinar a ensinar a escrever, a nível académico. É o domínio da escrita em ambiente académico o conteúdo essencial deste livro que se pode classificar como pedagógico. Contudo, logo de início, é referido que não se trata de um guia. Portanto, de que género é este livro, se não é um guia didático-pedagógico? A autora prefere considerá-lo um contributo para que os professores da área da escrita académica desenvolvam as suas próprias teorias (“small t-theories”) para o ensino da escrita académica. Observem-se os sublinhados à seguinte citação da p. 2: “A fairly large body of research and teaching resources now exist to support L2AW instruction, making it impossible to incorporate all of these insights here.” Acrescenta: “Instead, my goal is more modest: to introduce practitioners to some of the key concepts, research insights, and pedagogical practices in L2AW.” Por conseguinte, explicita: “Therefore, this Element is not a guidebook of how to teach L2AW but instead lays the groundwork for current and future teachers to develop their own ‘small-t theories’ about such instruction.” Cita a sua fonte: “Atkinson (2010 [p.8]) describes such theories as “the opposite of Theory with a big T . . . [similar to] the postmodernist idea of *petits récits*—theories that engage with particular, local situations”.

Está perfeitamente consciente de que quem ensina aprende ensinando e que desenvolve o seu próprio método com base na(s) experiência(s) que vai fazendo. Portanto, mesmo se

Christine M. Tardy considera que não se trata de um guia didático, para o desenvolvimento de uma “Grande Teoria”, não deixa de ser uma introdução fundamental (daí receber a classificação de “Element”, logo na capa, e no texto) como se lê na p. 2, na citação acima transcrita: “introduce practitioners to some of the key concepts, research insights, and pedagogical practices in L2AW”. Realmente, há uma lista de conceitos e referências à investigação em curso na prática da escrita académica em L2.

O resumo da obra sistematiza esta intenção introdutória da autora, repetindo que se trata de um “elemento”: a) “This Element offers readers an overview of the theory, research, and practice of teaching academic writing to second language/multilingual (L2) students”; b) “The Element begins with a discussion of contextual features and some of the most common settings in which L2AW is taught”; c) “The Element then defines and shares examples of several concepts, pedagogical approaches, and teaching practices that are particularly relevant to L2AW instruction. Reflective questions guide readers to consider how these aspects of L2AW might be carried out within their own educational settings”; e d) “Finally, the Element considers the rapid changes in technology and their influences on texts and academic writing.” Logo, o resumo coloca em texto o fio condutor presente no índice que é desenvolvido até ao fim do livro, reiterando que se constitui como “elemento”; faz lembrar, por exemplo, *Elementos de Linguística Geral* de André Martinet.

A autora revela um uso exemplar e um grande domínio da escrita, nomeadamente da pontuação — o assunto de que trata é, por conseguinte, plenamente aplicado. Tendo como alvo o ensino da escrita académica em L2, o domínio de L1 é coincidente: inglês. Sabe do que fala porque radica o conteúdo do livro na sua própria experiência e nas leituras que foi fazendo. Aliás, surge, por vezes, o pronome pessoal “eu” (p. 6: “I share a personal example, I have seen student enrollment in my son’s dual-language Mandarin-English program in elementary school dwindle as relations between the United States and China have deteriorated.”) ou “nós” (p. 10: “As teachers, we are also a part of the educational ecologies in which we plan classes, prepare materials, and assess students”; “To offer an example, in an online English L2AW course that I codesigned and occasionally teach, we draw on principles and strategies from several of the approaches described in this section”). O que propõe resulta da experiência feita, já que é docente de “L2AW” como os professores para quem, preferencialmente, escreve este “element” (um fundamento basilar). Compromete-se com exemplos pessoais e muitos deles práticos. Propõe vários tipos de actividades (p. 50: “Groups could also compare their texts and the different choices made, and then reflect on what they learned about summary writing”; p. 53: “For instance, students may first write a traditional monomodal argument essay and then transform it into a multimodal digital video”). Por exemplo, sobre o corrigir directa ou indirectamente erros de um texto escrito por estudantes, o conselho para quem ensina é o seguinte, na p. 45: “so teachers are advised to consider their options and reflect on and adjust their practice regularly”.

Como ensinar a escrita académica? A resposta é pensar: quem ensina a escrever tem de pensar, desenvolver reflexão (pequena teoria) sobre o que quer ensinar, quem são os estudantes, que línguas falam, como é o grupo, etc. A autora defende que quem ensina deve conhecer bem a realidade com que vai trabalhar. Por isso, opta por colocar perguntas, muitas perguntas ao longo do texto, não apenas as das “Caixas de Reflexão”, mas pelos subpontos que se vão sucedendo (ex. p. 54: “First and foremost, what are the course goals or learning outcomes? That is, what do students need to learn?”). Não sendo um guia sobre como escrever “L2AW”, consiste numa reflexão sobre o ensino prático da escrita, dando exemplos gerais e particulares, incluindo pessoais. Pensa o presente da escrita académica e o futuro com as mudanças tecnológicas em curso. Deixa em aberto a proposta e, por isso, não redigiu uma conclusão. Esta opção será porque finaliza com o futuro da escrita académica, sobretudo devido à Inteligência Artificial (IA). Não conclui porque está aberta ao porvir. O que irá acontecer nesta fase de mudança com as vantagens e as desvantagens da escrita académica devido à IA?

Se a conclusão não faz muita falta, pela inclusão de diversos conceitos técnicos e uma opção clara por alguns, teria sido útil uma listagem de abreviaturas. Há muitas no texto e a autora vai colocando cada uma, por extenso, quando ocorrem. Contudo, teria sido útil ter, ou no início ou no fim, a compilação de todas. Vejam-se, a título exemplificativo, além de *L2AW*, do conteúdo principal do livro, *English medium instruction (EMI)*, *English for Academic Purposes (EAP)*, *an intensive English program (IEP)*, *first year writing (FYW)* — “*first year composition, or freshman composition (here I use the abbreviation FYW)*” ou *Systemic Functional Linguistics (SFL)*.

Seja como for, são mais as qualidades do que os defeitos deste livro didático-pedagógico, que, embora não queira ser um “guia” para ensinar a ensinar a escrita académica, traça linhas de orientação didáctica destinadas, em particular, a quem ensina a escrever a nível académico, levando a pensar sobre todos os parâmetros: os géneros textuais, o contexto linguístico do docente e dos discentes, as políticas linguísticas pessoais e institucionais, o domínio da língua e da sua gramática, a vertente cultural envolvendo as circunstâncias da escrita, o domínio da semiótica e de competências multimodais, as técnicas de revisão, as fontes que se citam, as tecnologias que se usam na escrita, a criatividade e as mudanças que estão a acontecer com a IA, etc. O texto e o seu progressivo desenvolvimento revelam que a escrita deste livro foi minuciosamente esquematizada, pensada, preparada, antes de ser concebida. A sua linearidade não permite conclusão porque finaliza com as limitações da IA e o que está para vir, explicitando que o futuro da escrita académica em L2 se encontra em aberto, ou seja, está a ser construído, nomeadamente pelos docentes a quem Christine M. Tardy se refere do princípio ao fim do livro, levando-os a questionar as suas práticas pedagógicas.



Se ensina L2 ou se ensina a escrever, a nível académico, terá todo o interesse em ler *Teaching Second Language Academic Writing*, porque lhe permitirá tirar partido da larga experiência da autora sobre o assunto. Poderá (re)construir a sua própria “pequena teoria”, já que, no universo académico, a prática legitima o desenvolvimento de uma. Esta parece ser a orientação de Christine M. Tardy, que revela uma visão democrática, construída na experiência de ensinar e aprender. Concorde-se com a autora, embora a sua seja uma experiência enraizada na língua inglesa, enquanto a experiência pessoal se fundamenta no ensino-aprendizagem da língua portuguesa, em ambiente universitário, quer no domínio escrito como no oral, incluindo na sua vertente de L2. A leitura deste livro (re)estabeleceu uma abordagem ao ensino da escrita académica, incluindo para esta recensão crítica.